

INFÂNCIA EM FRANTJAS

Astrid Cabral



INFÂNCIA EM FRANJAS

POEMAS DE
ASTRID CABRAL

Ao querido amigo João Fei-
tosa, reminiscências de ex-
meninas, com o abraço saudoso
de Astrid
Rio, 11. 6. 2014

Dos anos em que me alimentei de contos de fada e relatos maravilhosos, sobram estas histórias verdadeiras em que fui protagonista.

A infância não passou de todo. Recolheu-se a um armário de lembranças-fantasmas, de onde às vezes escapam e me visitam.

Dedico este livro às irmãs, às cinco tias que me viram crescer, e a companheiros de meninice, espalhados por tantos caminhos desconhecidos, mas cujas presenças de algum modo permanecem em mim.

*Não paro de andar atrás da criança
que não para de andar atrás de mim.*

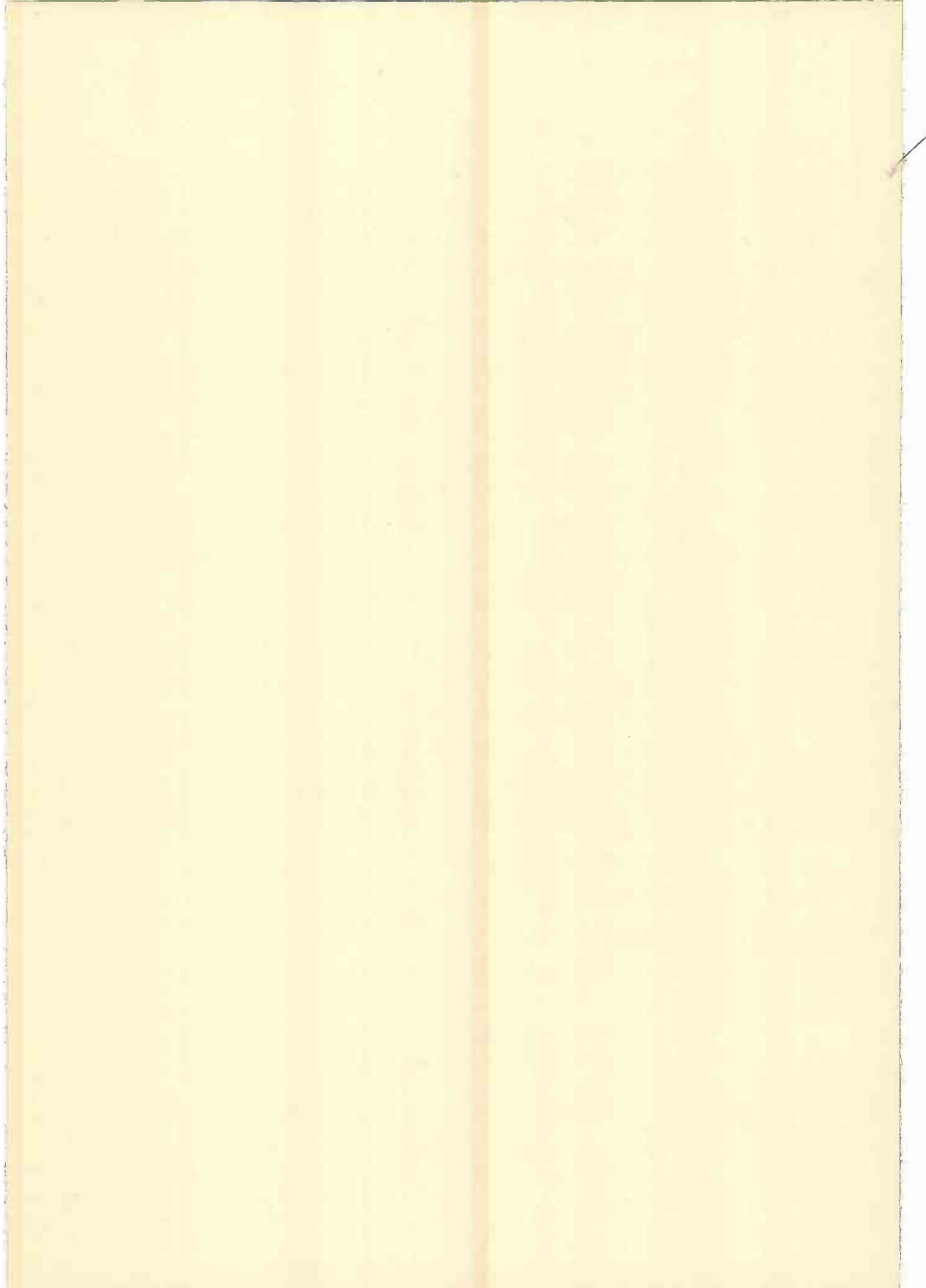
Adonis

SUMÁRIO

<i>Casemiro, Casemiro</i>	7
CABEÇA DE MENINA	
<i>Elegia de brincadeira</i>	9
<i>Sonosonho</i>	10
<i>Crenças caducas</i>	11
<i>Temores</i>	12
<i>Xô, xô, borboleta</i>	13
<i>Na chuva</i>	14
<i>Xixi em nossos pés</i>	15
<i>O inimigo</i>	16
<i>A surra</i>	17
<i>Pedra sapo</i>	18
<i>Pássaros pretos</i>	19
<i>Missã na madrugada</i>	20
<i>Ensaio de moça</i>	21
<i>A surpresa da morte</i>	22
<i>Pedido de casamento</i>	23
<i>Embrião de mulher</i>	24
<i>Perigo de jacaré</i>	25
<i>A sombrinha japonesa</i>	26
<i>Ladrão de leitão</i>	27
<i>Paisagem perdida</i>	28
<i>Neném dono da festa</i>	29
<i>Primeiro permanente</i>	30
<i>A mágica das palavras</i>	31

ARMÁRIO DE LEMBRANÇAS

<i>Balangandãs.....</i>	<i>33</i>
<i>Peito verde.....</i>	<i>34</i>
<i>O poder das palavras.....</i>	<i>35</i>
<i>Antigos aniversários.....</i>	<i>36</i>
<i>Um escândalo.....</i>	<i>37</i>
<i>Vestígios da escola.....</i>	<i>38</i>
<i>Lição de geografia:.....</i>	<i>38</i>
<i>Aula de piano:.....</i>	<i>38</i>
<i>Por que no fim da aula.....</i>	<i>39</i>
<i>Sabatina semanal:</i>	<i>39</i>
<i>Dona Fernanda era fada.....</i>	<i>40</i>
<i>De verdade, só os leões de pedra.....</i>	<i>41</i>
<i>Os véus da viuvez.....</i>	<i>42</i>
<i>A constante rebeldia.....</i>	<i>43</i>
<i>A travessia.....</i>	<i>44</i>
<i>Os vizinhos da vila.....</i>	<i>45</i>
<i>A luneta do avô.....</i>	<i>46</i>
<i>Cartas de Papai Noel.....</i>	<i>47</i>
<i>Mágoas.....</i>	<i>48</i>
<i>Pequena horta.....</i>	<i>49</i>
<i>A ratazana recém-parida.....</i>	<i>50</i>
<i>O coitado!.....</i>	<i>51</i>
<i>A velhice das maçãs.....</i>	<i>52</i>
<i>O palácio.....</i>	<i>53</i>
MEU PAI EM MIM	
<i>Debaixo da chuva.....</i>	<i>55</i>
<i>O pai fora embora de casa.....</i>	<i>56</i>
<i>Embrulhada na saudade.....</i>	<i>57</i>
<i>Demoravam a chegar os Natais.....</i>	<i>58</i>
<i>Passeio em Madalena.....</i>	<i>59</i>



Casemiro, Casemiro

Ai que não tenho saudades
da infância bem lá pra trás!
Que raivas choros temores
junto a adultos senhores.
E as tarefas rotineiras
que não acabavam mais?
à sombra de rijas regras
e urubus nos beirais!

Ai vontade de crescer
ouvir conversas inteiras
tossir e espirrar na igreja
e sem melindres dizer
indesejáveis verdades!
Enfrentar a lei dos grandes
e encarar o fogo do inferno
como conversa de espertos.

CABEÇA DE MENINA



Elegia de brincadeira

Perdi-me ao perder a estrada
do castelo de caramelo
e vidraças de açúcar cãndi.
Brumas, e perdi o caminho
do rio reino das trutas
lá onde a rainha me dizia
olá, queridinha prima,
veste o escafandro de escamas
mergulha nesta piscina.
Névoas, e perdi a vereda
que dava onde lindas aves
cantavam-me o nome todo
e a mim traziam migalhas
nos bicos que nem coiheres.
Eu, na carona de gansos
sobrevoando cascatas
e matas de orquídeas azuis.
Havia um atalho oculto
que levava lá onde o céu
era quase da minha altura
e vara em punho, eu colhia
estrelas mangas maduras.
Se pudesse, voltaria.
Muralhas derrubaria.

Sonosonho

A casa de chocolate
onde a fome era ficção.
Um jardim florindo estrelas
na concha da minha mão.
Cirandas na longe lua
ao som de um acordeão.
Viagem a outro planeta
na garupa de um dragão.

Crenças caducas

Uma cratera tão funda
furando o chão norte a sul

Estrelas a me piscarem
de lá do altíssimo azul

Plantas e bichos falando
língua que eu entenderia

Caravelas me levando
a terras fora do mapa

Gente grande generosa
que tudo me ensinaria

Meu anjo da guarda que
seu rosto me mostraria.

Temores

O mundo despencava em minha cabeça.
Relâmpagos riscavam o breu da noite.
São urubus de fogo, dizia Dédé.
Vêm atijar incêndios na floresta.
Trovões monumentais iam ribombando
rasgando os céus da vizinhança toda.
Ladravam os cães em fundo desespero.
Dédé dizia, arrumam a casa detrás
das nuvens arrastando móveis que pesam
navios e logo vão lavar o soalho
a baldes d'água com sabão. Então
brabo aguaceiro tombará em nós
descendo sobre matas calhas telhas
engordando correntes e sarjetas
alvorçando as cobras dentro d'água.
Aqui em baixo inundação geral.

Já pra cama, menina. Tapa a creia
no travesseiro, puxa tua coberta
Sonha bastante com o sol de amanhã.

Xô, xô, borboleta

Xô, xô, borboleta
sai da minha cabeça.

Falsa borboleta
de azul tafetá
avoa lá longe
onde haja flor.

Nos meus cabelos
não há mel a sugar
e o nó de teu laço
só me traz dor.

Xô, xô, borboleta
por onde eu for
desmancho beleza
com esta careta.

Na chuva

Nunca entendi
os guarda-chuvas.
Sombrinhas, sim
abrigavam do sol.
Se o chuveiro do céu
se abria, queria banho.
Corria atrás de maço
sabonete e pente.
Ávida penetrava
as frias cortinas d'água
no em pé peneirando.
Fechava as pálpebras:
estrelas aterrissassem
faiscando em minha face.
Até que voz antipática
me gritasse a ordem:
Já já pra dentro de casa!

Xixi em nossos pés

Era casa só de meninas
bonecas fitas linhas
agulhas vidros de cheiro
batons grampos espelhos.
O menino ficou ali
poucos dias e trouxe
bola estilingue peteca.
Nosso alvoroço pensar
no rabinho entre as pernas
que nem o cachorro Fly
e o macaco xerimbabo.
Foi no sossego da sesta
que ousamos fazer o cerco.
— Mostra a salsicha.
Não se fez de rogado
e começou a fazer xixi
respingando em nossos pés.

O inimigo

*Já temos um inimigo
disseram os colegas.
Os alemães afundaram
navio brasileiro
e Hindenberg é alemão.
Vi a cabecinha loura
no fim da sala e pensei
bobagem, o que tem
ele a ver com o tal navio?
Aguerrida, a meninada
queria mesmo apedrejar
sua casa beira-rio.
Eu disse, não façam isso não.
Me empurraram com raiva
traidora, mulherzinha boba
e saíram catando pedras
enchendo os bolsos das calças.*

A surra

Com um canivete
o primo cortava
urtigas no barranco.
Tinha uma braçada
já de bom tamanho.
Quando me viu disse:
*Chegaste na hora certa
vou te dar uma surra.
O que é que eu fiz?
Choras à toa. Chorona
precisa levar lição.
Agora, a choramingona
vai ter de que chorar
de verdade, sem fazer fita.*
e foi me dando lambada
nas pernas e nos braços.
Disparei pra casa
engolindo lágrimas
goela abaixo.

Pedra sapo

Me apoiiei numa pedra
pra poder me levantar.
(O limo me enganou)
A pedra saltou longe.
Era um baita sapo de olho
esbugalhado em mim.
Foi um susto mútuo:
meus dedos na pele fria
fogo na cacunda dele.
Se espirasse veneno
e eu ficasse cega?
Abalo de súbito medo
bateu-me no estômago
nojo ânsia de vômito.
Se nos contos de fada
sapos viravam príncipes
na minha experiência
pedras viravam sapos.

Pássaros pretos

Pareciam pássaros pretos
voando baixinho na manhã.
Eram folhas quadradas
páginas soltas de livros.
Via letras cinza prata
nos papéis de tez queimada.
Queria ler o que diziam
mas logo se desfaziam
em minhas mãos desastradas.
Esqueci o caminho da escola
e fui no rastro do mistério
até o prédio da Biblioteca.
Só encontrei fumaça, ardor
nos olhos e gente contando
das chamas na madrugada.
Voltei suja de carvão
órfã com o fim dos livros
que agora eram cadáveres
fantasmas boiando no ar.

Alguém dizia tinha sido
um incêndio criminoso.
Queriam queimar a verdade.
mas eu não entendia nada.
Afinal, o que seria isso
de queimar a verdade?

Missa na madrugada

Madrugada
sem resquícios de aurora.

Acordam-me
antes dos sinos.

Vamos à missa das cinco.

Chumbada de sono
sonâmbula

visto-me sem ânimo.

Vai a família rua afora
à parca luz de altos
lâmpioes cansados.

Sigo atrás desgarrada
bêbada de preguiça.

Por que aquela missa?

Do beco surge um homem
pondo a mão em minhas coxas.

Grito. Ele corre e some.

A família se volta longe na rua:

*Olha só em que dá
não nos acompanhar!*

Olha só em que dá
na escura madrugada
me arrastarem
sonâmbula à missa!

Ensaio de moça

No quarto vazio das tias
arranco dos cabelos
borboleta de tafetá
libero o corpo suado
no vestido de organdi
e mangas bufantes.
Me enrolo na toalha
colo e ombros de fora.
Cresço num salto alto
emprestado e frouxo
e alcanço o amplo espelho.
Apanho na penteadeira
a colônia Chambley
o Cashmere Bouquet.
Uso a beleza das tias
fíco alva de pó de arroz
esfrego *rouge* nas bochechas
escolho um batom vermelho
e com paixão pinto a boca.
Já pressinto o sangue a
escorrer-me pelas pernas.
Deus, como tarda o tempo
dos bailes *flirts* e beijos
noites de luzes e clubes!
Por que tamanha demora?

A surpresa da morte

Mal entrei em seu quarto
ele parou de respirar.
Dei as costas pensando
é o soninho da sesta
acabou de almoçar...

Logo depois a amiga
me abraçou aos prantos
Papai... papai...morreu...

Dizia haver escapado
a desastres acidentes
de trem avião e carro
naufrágios e incêndios.
(as cicatrizes no peito).
Mas partiria em surdina
dormindo de mansinho
no aconchego de seu leito.

Não imaginei que a morte
acontecimento tão grave
pudesse ocorrer suave.

Pedido de casamento

Em Guaramiranga
me sentia um passarinho.
Amanhecia descalça
no orvalho do jardim.
Chupava jamelão e caju
roupa manchada de nódoas.
Um dia, um senhor chegou
e amarrou seu cavalo
em árvore junto ao portão.
Me olhou, deu bom-dia
tirando o chapéu de palha.
Subiu a escada do sobrado
abriu a porta e entrou.
Não demorou muito saiu
me abanando com a mão.
Logo a dona da casa
amiga da prima da vó
me chamou pra conversar.
*Sabe esse moço que acabou
de sair daqui agorinha?
Não vi moço nenhum
só um senhor de chapéu.
Então, esse mesmo, menina!
Acabou de pedir sua mão.
Gostou de você e quer casar.
(Fiquei muda tanto o susto)
Bom rapaz. Filho de fazendeiro
rico. Conheço desde pequeno.
Família boa da redondeza.*

Adorava Guaramiranga:
morar entre flores e pássaros.
Mas fingindo dor de dente
voltei correndo a Fortaleza.

Embrião de mulher

Mais que a música
de três fugidios dias
sambas frevos marchas
mais que as chuvas
de confetis e serpentinas
raios de lança-perfume
cortando pele e narina
a euforia de ser outra.
Odalisca em vez de menina
e assim cintilar entre
véus laranjamarelos
cetins negros lantejoulas
vidrilhos em arco-íris, pérolas.
Ter o corpo exposto
ao olhar de todos
e sendo alegre e livre
ensaiar a sedução
mulher em embrião.

Perigo de jacaré

Ai meu Jesus,
que chuva mais braba!
E se o igarapé
transbordar
e invadir a casa?
E se o jacaré
se amoitar
debaixo da cama?
E quando eu
me levantar
a bocarra abrir?
E de uma vez,
zás, me engolir?
Como será
a barriga do bicho?
E eu lá dentro
sem poder sair?

A sombrinha japonesa

Se o sol torrava
diziam, vai pela sombra.
Não me importava
dona que era de linda
e privativa sombra:
a sombrinha japonesa
presente da madrinha.

Escudo contra o calor
o arcabouço de bambu
da redonda tenda
presa em meu braço.
Na seda vermelha
pavão e ramos de flor
criavam a primavera.

Até que malandro gato
batizou-a de mijo.
Nenhum sabão ou água
pode salvá-la do lixo.

Ladrão de leitão

Deus do céu
um simples leitão
valeria mais que um homem?

Quis engolir a língua,
mas era tarde.
Ali estava o avô
de arma em punho.

Agarrado, o ladrão malandro
que se escafedia na multidão
de fininho, cara sonsa.

Veio o ultimato:
antes do pôr do sol
o leitão ou o dinheiro.
Se não, polícia e prisão.

Questionei o avô:
Por que não perdoá-lo?
Então me disse: menina,
tolerância alimenta erro.

Vendo minha aflição
mostrou a arma sem carga.
E sorriu satisfeito
com sua infalível tática
de corrigir mal feito.

Paisagem perdida

Calçadas manchadas de jamelão.
Bolsos carregadinhos de seriguela.
Nódoas de caju nos vestidos
Ondas e conchas de Mucuripe
Carnaubais de Mecejana.
Madrugadas frias de Guaramiranga

*Piribalacuxi tapiribalabá
chegou maracatu
pra fazer balacubá.
Boneca preta do Maracatu
boneca preta que faz lundu.*

Na praça do Ferreira
o vento levanta as saias.
Na praia de Iracema
o vento encrespa o mar.

No cineminha poeira
fugi pra sempre do rapaz.
Tinha nome de índio que
não consigo me lembrar.
Só lembro que dizia me amar.
E eu que nem moça era ainda!

Neném dono da festa

Improvisaram o altar
na sala maior da casa.
A família cochichava
se já está grávida por que
farsa de vestido branco
buquê mais véu e grinalda?
Para os vizinhos da vila
era ver um rechonchudo
anjinho de procissão.
No abraço encostei o ouvido
na barriga. O coração
do neném dono da festa
batia sob o cetim.

Primeiro permanente

Sonhava minha cabeça
cheiinha de cachos.
Cabelos enroladinhos
que nem os da irmã
ou da artista Shirley Temple.
Naquele aniversário
pedi à mãe um permanente
no salão da Messody.
Mãos na minha cabeça
molhando e preparando
os lisos cabelos das tranças.
Estava radiante e ansiosa
no trono de alta cadeira
peças de metal tombando
de fios que abocanhavam
minha coroa de rolos.
Quinze minutos depois
o calor virou fogo do inferno.
*--Está queimando. Pode
baixar que não aguento.*
Messody disse bem firme:
-- Pra ficar bonita tem que sofrer.
Telefonou à minha mãe
que confirmou na linha:
-- Pra ficar bonita tem que sofrer.
Então comecei a gritar:
*-- Quero ser feia, quero ser feia
apaga a fogueira em mim!*
Sem nem me olhar no espelho
saí de lá num rompante.
Feia, mas aliviada.

A mágica das palavras

A mulher chegou da rua
falando: *de uma cajadada
matei dois coelhos.*

Pensei: que mentirosa!
Quer me fazer de boba!
Onde já se viu coelho
andando pela cidade?
E onde arranjou o cajado?

*Que história mais louca
é essa, oh dona?!
Ela explicou: é que eu ia
de manhã ao banco e de tarde
às compras no mercado.
Mas resolvi fazer tudo
de uma só vez, em seguida.*

Foi quando me dei conta
de que palavras eram mágicas.
As coisas podiam ser ditas
de maneira enfiada.
De brinca o mundo podia
ser mostrado à vera.

ARMÁRIO DE LEMBRANÇAS



Balangandãs

Tive anelzinho de ouro
com nome gravado na chapa
(no azougue mudava de cor)
Tive anelzinho de brilhante
pra usar no dedo mindinho.
Pulseiras de pau-d'angola
com berloques e sininhos
figa de marfim da Índia
dente de onça encastado.
Tive cordões trancelins
com santos bentos e cruzes
amuletos pra mau-olhado.
Argolinhas de prata brincos
pérolas gotas dançantes
montadas em marcassita
Tive muitas medalhas
por prêmios escolares.
Colares de rosas saxe
e de miúdas madre pérolas.
Um relógio Longines pra
nunca mais me atrasar...
Perdi os balangandãs
todos sem sequer me dar
conta e sem chorar nenhum.
Não soube cuidar. Não aprendi
a guardá-los fora da lembrança.

Peito verde

O avô colhia no pé
a manga bem madura.
Amassava-a nos dedos
em ritual de ternura
e abria-lhe furo nos dentes.
Dava-me o peito verde
para que eu mamasse
doce leite amarelo.
Só que eu detestava
manga que fosse batida.
Queria as verdolengas
com sal, cortadas à faca.
Disfarçava e corria a
jogar o terno presente
no lixo lá do quintal.
Vinhm remorsos da traição:
meu coração machucado.

O poder das palavras

Para Elaine Pauvolid

Minhas palavras
acordavam o ódio
de minha irmã.
Ela se vingava
me jogando no chão
com murros e tapas.
Todos ficavam
com pena de mim.
Eu, a vítima.
Ninguém suspeitava
o peso e o poder
das palavras.

Antigos aniversários

Aqueles aniversários
eram mesmo do arromba
movidos a quituteiras
doceiras mesas e cadeiras
de aluguel pela varanda.
O convite era pra dois dias
com dormida no meio.
Tinha o dito dia da festa
e o do enterro dos ossos.
Certa vez comi tanto
que amanheci doente.
A dor de barriga não
parava e me sujei toda.
Tive que voltar pra casa
na calcinha da prima
rica. Seda pregas rendas
não apagavam a vergonha.

Um escândalo

Seu Lopes vinha aplicar
injeções em nossa casa.
Punha seringa e agulha
num estojo com água.
Com fósforo tocava
fogo no álcool e falava
aguardando a fervura.
*Sabe que a maluca da Elvira
abandonou a família?
Sem-vergonhice pura!
Amasiou-se cum zé-ninguém
que cruzou na esquina...*
Fiz sinal que calasse
apontando a filha da mulher
a brincar com minha irmã
ali pertinho de nós.
*A verdade deve ser dita
e tenho mais detalhes...*
Empurrei pra longe as meninas.
*No quintal tem uma coisa
linda que precisam ver.*
Enquanto caminhava não
sabia mesmo o que ia mostrar.
Que azar! O colibri voou...
Vamos esperar. Ele volta.
Então ela me surpreendeu:
-- *Minha mãe também!*

Vestígios da escola

Lição de geografia:

península ou cordilheira?
ilha golfo cabo baía?
Dedos n'água, dedos na areia.
Um pequeno tabuleiro
fingindo a terra inteira.
Arrolo refém de regador
a derramar cachoeiras.
E a gente rindo contente
fabricando a cara do mundo.
mãos sujas de aurora!
Brincando de ser Deus
ali no pátio da escola.

Aula de piano:

meus dedos canhestros
sofriam sob os golpes
da mestra severa.
O lápis batuta em punho!

Ela não tinha dó.
(dó era só nome de nota)

De ouvidos moucos
o que eu ouvia
em vez das notas
eram berros raivosos.

A partitura invisível
aos olhos marejados
enquanto me afogava
na travessia sonora
do *Lac de Come*.

*Por que no fim da aula
com a sala já vazia
me chamou Dona Eneida?
Quero lhe dizer a verdade:
quem descobriu o Brasil
não foi Pedro Álvares Cabral
nem foi na costa da Bahia.
Quem aportou primeiro
e em praia do nordeste
foi o espanhol Vicente Pinzón*

Por que a revelação
extemporânea e tardia?
Por que teria me escolhido
songando o fato a todos?
Seria pra me avisar
que o herói histórico sendo outro
não pensasse por ser Cabral
descender de alguém famoso?

Sabatina semanal:
revisão da matéria dada
capitais do mundo inteiro
datas principais tabuada.
No decorrer da rodada,
séria, a mestra entregava
a palmatória ao sabichão
ou sabichona. Que batesse
na mão do ignorantão
ou da ignorantona.
Mas rolava camaradagem:
quem batia fingia força
e a vítima da palmatória
careta de dor fazia.
Assim a sabatina virava
divertida cena de mímica.
Sem protestar a mestra
fazendo vista grossa
era cúmplice da comédia.

Dona Fernanda era fada
de verdade. Me apresentou
às de mentira no papel.

Revelou-me o valor das letras
que eu pudesse visitar
terras sem sair da cadeira.

Ensinou-me a conhecer
emoção e pensamento
de pessoas já ausentes.

Disse: as coisas mais bonitas
estão escondidas. Vai
na aventura dessa busca.

Trata de enxergar bem longe
aprender com vivos e mortos
nos livros de hoje e de ontem.

De verdade, só os leões de pedra
à entrada do grupo Barão do Rio Branco.
Não corriam, não avançavam, não mordiam.

Estátua! era nossa ordem mágica
a romper o movimento da vida.

Estátua!
Pegava Plácido apontando lápis

Estátua!
Punha Renato de riso congelado

Estátua!
Luizandro palavra encahada na boca

Estátua!
Mitrídates mudo em pleno discurso de festa

Estátua!
E lá estava Cláudio dedo dentro do nariz

Estátua!
Cazoberto a morder o proibido côco babão

Estátua!
Isabel braço levantado e giz na mão

Estátua!
Lenilde amarrando o cadarço do sapato

Estátua!
Filó o pente no cabelo alvoroçado

Estátua!
Oda engasgada com o susto de um beliscão

Estátua!
Eu de língua pra fora frente à professora.

Todos na proposta impossível
de sustar o fluir do tempo.

Os véus da viuvez

Abri a porta a bem
apessoado empresário
da navegação fluvial.
Vinha visitar Dona Leonor.
Apaixonara-se loucamente
pela mulher mais bela da cidade.
Mas minha mãe rejeitou a corte.
Mais uma vez perseverou no luto
que lhe cobria corpo e alma.
Não despiu os véus da viuvez.
Nunca conseguiu enterrar
de verdade meu pai.

A constante rebeldia

Minha mãe? A idealista
domadora do caos.
Serve da beleza visível
paladina da perfeição
na insana luta cotidiana
contra lençóis amassados
sapatos desengraxados
laços desengonçados
e a obscena deselegância
de minhas pernas abertas
de minha gula sem regras
de meus hábitos malucos
de meus estudos noturnos.
Eu, a desatenta filha
pobre cabeça virada
para o mundo do invisível.
Ah! indomável menina
desobediente mesmo
sem malévolo intento.
A constante rebeldia
diante de normas e leis.
Eu, cega a hierarquias
e à censura alheia.
Eu sempre de costas a
bom tom e boas maneiras.
Eu amante da liberdade
irmã de todos os pássaros.

A travessia

A ponte gingava
suas tábuas podres
entre cordas gastas.
Passavam a meu lado
lavadeiras e trouxas
carvoeiros e sacos
pescadores e cestos
índios de penas e tangas.

Nas águas lá em baixo
canoas abandonadas
ou abarrotadas de peixes
bananas inhames lenhas...
Por ali meninos e homens
rondando barcos e barrancos.

Um dia contaram lá em casa
a ousadia da pirralha
que na volta da escola
espichava seu caminho
sem pressentir o perigo
querendo brincar com
Flavinha na outra margem.

Histórias de violências
mortes e abusos lançaram
veneno do medo em mim
e amarrando-me as pernas
roubaram o meu passeio.

Os vizinhos da vila

Viviam lá em casa
os vizinhos da vila.
Tinha sempre algum
filando refeição merenda
pedindo gelo pro almoço.
Se iam ao baile levavam,
xales de nosso armário.
Se viajavam, as malas
lá se iam emprestadas.
Se davam festa, pediam
louças talheres vasilhas
taças e xícaras que voltavam
viúvas de seus pires.
Nada tinham esses vizinhos
nem a menor cerimônia.
Salvo a simplicidade
que os punha bem à vontade
ao lançar mão dos guardados
de nosso quase armazém.

A luneta do avô

Em noites sem lua
contávamos as estrelas
no vasto mar azul
sobre nossas cabeças.

A luneta do avô, binóculo
do teatro celeste,
farejava o mistério
das ocultas galáxias.

Fracas as lentes tentavam
à-toa sanar a cegueira
da distância opaca e espessa.
Aos olhos, só pó dos astros
e a farinha das estrelas.

Hubble abriu a cortina
e escancarou nevoeiros.
E a luneta do avô virou
reles brinquedo de adultos.

Cartas de Papai Noel

Época houve em que Papai Noel,
gentil, me escrevia lindas cartas
cheias de carinho e conselhos.
Respondia a meus pedidos de
presente de Natal justificando
a ausência de alguns e prometendo
para o ano seguinte, caso eu aceitasse
suas ponderações com paciência
e de uma vez por todas me corrigisse.

Quando aprendi a ler descobri
perplexa e decepcionada
que a caligrafia das cartas
era igual à da minha avó.
Então me descobri tola
garota sem qualquer malícia.
Papai Noel só escreveria
do céu em letras de ouro e prata
jamais em pobre tinta azul.

Mágoas

O que machucava
não era palmada
nem mesmo surra.
A carne da bunda
não tinha memória.
O que machucava
sim, era injustiça
ou a desmedida
entre culpa e castigo
seguida do perdão
sonegado ou adiado
por conta do orgulho
da autoridade ofendida.
Pior ainda, o discurso
rancoroso e chato
que ressuscitava
fato já encerrado.

Pequena horta

Plantei com as irmãs
uma pequena horta.
As árvores do quintal
eram tão grandes que
não conseguíamos vê-las
crescer devagarzinho.
Assim, queríamos algo
na dimensão do capim.
Algo no tamanho
de nossos dedos e olhos
pra cuidar de perto
com extremo carinho.

Num canteiro do oitão
semeamos salsa hortelã
chicória miúda coentro
cebolinha e agrião.
Quando desabrochavam
feito grelo de tucumã
anunciando o gostoso
macio miolo do coco
alegria nos invadia.

Remexíamos a terra
regando-a e inventando
toldos pra sol e chuva.
Vivíamos em constante luta
contra lagartas e saúvas
inchando de orgulho com o
verde viço das fileiras
e os fartos molhos de folhas
entregues à cozinheira.

Durou pouco a alegria.
Inocentes abrigamos
forte rama de batata.
Em semanas a invasora
avassalou todo o espaço.
Deu fim ao querido jardim.

A ratazana recém-parida

Recinto ambíguo o da dispensa:
espaço baixo estreito e sombrio
sela de mínimas porta e janela
local adequado ao castigo
mas também propício à desforra
por conta de fartas prateleiras
repletas com doces e latas
de biscoitos, roscas, conservas
garrafas de guaraná e groselha
(a serem em gula violadas).

Certa vez achei ratazana
amamentando seus bebês.
Gritei pela avó que deu ordem:
derramar álcool e tocar fogo.
Penei de remorsos do aviso
sem entender a coragem
da avó à frente do massacre.

No ouvido um miúdo choro
roubava-me o sossego do sono.

O coitado!

Era dia de finados
quando o ladrão entrou
na casa quase vazia.
Carregou numa valise
todo enxoval da tia.

Não se deu queixa na polícia
nem se botou no jornal.
O que era perder roupas
dinheiro e mala de couro
quando se perdia de vez
gente de carne e osso?
O avô só disse: coitado!

Tempos depois o ladrão
passando pelo portão da rua
confessou: Doutor, não fui
eu quem roubou sua casa.
Era conhecido retirante
velho protegido do avô.
Vovô ficou triste, calado
e quando o homem foi embora
falou de novo: coitado!

A velhice das maçãs

Maçã era fruta rara
para mim e os primos.
Aparecia nas estórias
e em figuras coloridas.
Nunca em nossa boca.
Saboreávamos só o nome
com sabor de manhã
e sugestão de pecado
até o dia em que chegaram
em nossa casa num prato.
Vieram de avião, presente
para a tia-avó Matilde
velhinha quase moribunda.
Ficaram no quarto dela
cobrindo-se de poeira
dias, semanas a fio.
Sentíamos o cheiro gostoso
e o desejo de prová-las.
Porém ninguém ousaria
tocar cedendo à tentação.
Quando a tia foi embora
entramos no quarto pensando
eis que chegou nossa hora
e avançamos a mordê-las.
Tinham, porém, gosto estranho
que nem farelo de areia.
Engelhadas, murchas tinham
envelhecido solidárias
junto com a tia-avó.

O palácio

O palácio diante de casa
com varandas entre palmeiras
e balcões nascendo de colunas.

Tão diante dos meus olhos
e no entanto, tão distante.
Seria morada de príncipe
de conto de fada, das centenas
que lia na coleção da Vecchi?

Não sei qual seria maior:
o medo de descer aos sombrios
porões da vizinhança, onde jibóias
cochilavam e caçavam insetos
ou o desejo de subir as escadarias
da fachada que conduziam
à porta central do Palácio?

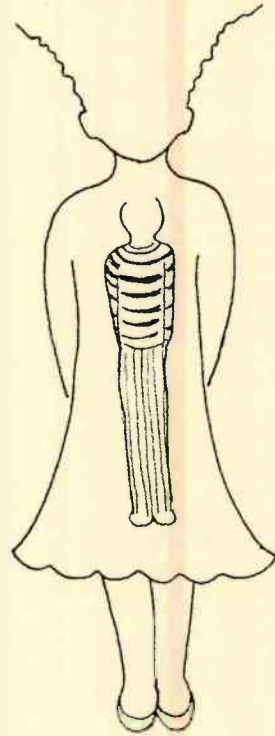
Conversei com um dos guardas.
Pedi permissão para entrar. Negou.
Não desobedecia à ordem superior.

Certa manhã minha avó
me tomou pela mão e me levou
à entrevista com o governador.

Então o encanto se desmoronou
feito sorvete em dia de calor.
Afundada numa poltrona de couro
observei em detalhe chão tapetes
cortinas paredes lustres móveis.
Tudo comum, quase ordinário.
O governador um homem como
outros que passavam pela rua.

Dentro da minha cabeça
o interior do palácio tinha
salões mais deslumbrantes
e o governador era super-ser
coroadado, totalmente diferente.
Nunca mais fiz questão
de ver as coisas de perto.

MEU PAI EM MIM



Debaixo da chuva
num vão de porta fechada
há um tempão na rua
que espero e espero o pai.

A chuva cai forte
o dia anoiteceu.
A correr o pai disse
me espera, eu já volto.

Chuva chovendo sem
parar. Na casa do céu
o chuveiro é tão alto.
Quem consegue fechar?

Meu cabelo pingando
vestido todo molhado
sapato encharcado.
E o pai nada de voltar.

Debaixo da chuva
estou sozinha tremendo.
A chuva é a única
presença que tenho.

O pai ainda não voltou.
Quando o pai voltar
pode continuar chovendo
não vou mais me importar.

Quando o pai chegou
trouxe um jornal grande.
Mãos em tanto papel
me fez chapéu gigante.

A volta do pai
suspendeu a chuva
secou toda a rua
e acendeu o sol.

*O pai fora embora de casa.
Sentia falta de seu sorriso
latinhas de ouro na boca
vontade do amendoim
torradinho que me trazia.*

*Chegando ao hospital, irmãs
de caridade me arrastavam
às focas dos coelhos nos
verdes confins do jardim.
Me afastavam de meu pai
agonizante num leito
cabeça toda enfaixada
em branco turbante indiano.
Ele punha em minhas mãos
bolinhas de papel prata
amassado dos cigarros.
*Quando sarar vou te dar
um presente de verdade:
a boneca americana
dessas que piscam com os olhos
dessas que até mesmo choram.**

*Mas foi a mãe quem cumpriu
essa bem terna promessa.
Todos queriam me consolar.
Em vão. Fiquei para sempre
chorando abraçada àquela
boneca que também chorava.*

Embrulhada na saudade
atravessava as sombras
fantasmas das imensas
mangueiras do quintal.
(Os mortos disfarçavam
-se no meio das folhagens.
Invisíveis mas passíveis
de serem descobertos)
Onde estaria a figura
evaporada do pai?
Cansava pés e alma
nessa infinda procura
entre os galhos da noite.
Foi quando um anjo
de luz e misericórdia.
varando novelo de nuvens
me tomou a mão dizendo
Vamos, ele está bem perto.

.....
Então, caí da cama.
Acordada vi meu pai
olhando-me do retrato
na mesa de cabeceira.
A promessa de alegria
não passou de puro logro.

Demoravam a chegar os Natais.
Vinham de tartaruga no correr
de horas compridas que nem cobras.
Nutria a crença do Papai Noel
a oferecer-me tão sonhado prêmio
com tanta imensa fome desejado.
Diziam que ele espalhava alegria
e generosas dádivas na noite.
Tinha ouvidos abertos aos pedidos.
Queria muito escrever-lhe uma carta
ou mesmo, conversar ao telefone,
mas onde achar o endereço, o número?
Queria apenas o meu pai de volta.
Imaginava o embrulho que seria
ali perto, ao lado da minha cama.
Estaria enrolado em panos ou em
muitas folhas de papel colorido?
Quem sabe em balofo saco amarrado,
como se fosse garrafa gigante?
Na véspera de tão sonhado dia
ficava a contemplar a chama das velas
multiplicadas no olhar da família
bolas luzindo em galhos do pinheiro
entre as nozes e castanhas na mesa.
Sonolenta dormia na capela
em meio a rezas, campainhas, cânticos.
Onde o galo que não abria o bico
naquela sempre dita missa dele?
Bracejava contra as águas do sono
estregando com toda força as pálpebras.
Mas quando na manhã voltava a mim
ali estavam os habituais presentes:
confeitos de amêndoas, rubras jujubas
cigarros e peixes de chocolate
livros, cadernos e lápis de cor
bonecas de tranças, jogos de louça
fogão e panelinhas de coleção.

O pai? Retrato na mesa do quarto
tal e qual nos demais dias.

Passeio em Madalena

Para mim o mundo começou em Madalena, no Recife.

No colégio, tempos depois, as freiras me falaram no Éden de Adão e Eva, e mais tarde, já na escola pública, a mestra apontou no mapa a Mesopotâmia como o berço da civilização humana. Mas nenhum desses lugares tinha a ver comigo, com a minha pequenina história pessoal. Esses imensos retrocessos de milênios me deixavam perdida, eram pontos longínquos de alcançar, abstrações grandes demais para cabeça de menina, onde uma borboleta de tafetá sempre me incomodava.

Em Madalena é que me experimentei no mundo e me senti viva, carregando o corpo, os cinco sentidos e adivinhando a alma. Foi lá que vi auroras acendendo os dias pelas frestas da janela, lua e estrelas se esparramando na colcha azul do céu, pregadinhas lá no alto sem que tombassem no chão pertinho de mim. Eu me perguntava por que não caíam que nem a chuva e imaginava como não seria tocar com os dedos os pontos de luz tremelicando, ter a lua nas mãos feito imensa tapioca cintilante, impossível de morder.

Era bom saber que claridade e escuridão iam se alternando sempre, de tal jeito que ao me deitar à noite ouvindo os grilos cantando naquela hora sem cor, já sabia que ao acordar com os galos dos quintais, tudo estaria claro e colorido novamente. Lá estaria de novo o céu azulzinho e enfeitado de algodão, as árvores verdes com suas cabeleiras tão diferentes, umas meio carecas, outras tão copadas que escondiam as paredes das casas e tudo que estivesse atrás delas, até mesmo pedaços de céu. Estariam os muros caiados de branco, as telhas alaranjadas e as calçadas cinzentas. Também haveria os vendedores com as carroças de abacaxi, sapoti e goiaba, com suas cores e sabores, cascas lisas e ásperas. E o peixeiro anunciando aos gritos seus camarões rosados e cinzentos, os peixes cegos, quietos, brilhando e cheirando a mar. E havia a música dos sinos acompanhando o princípio e o fim dos dias e às vezes, para variar, o barulho da chuva, que acordava o

odor da terra quente, não respeitava dia nem noite e, de instável intensidade, podia até vir acompanhado do rumor da ventania e dos trovões, se o tempo andava zangado. O gostoso da chuva é que ela nos lambia o corpo e molhava os cabelos até que nos afastavam das calhas e nos conduziam para dentro de casa, falando sempre no perigo de gripes, febres e catarros.

Tudo começou naquela casa geminada, de oitão à direita, em cima de uma calçada alta a que se chegava subindo degraus de pedra na lateral. A rua de areia branca era certamente o antigo leito do rio vizinho, e as imponentes calçadas, defesa contra possíveis enchentes, pois de vez em quando as águas costumavam se lembrar de sua ex-moradia e podiam querer retomar a primitiva posse.

Era bom dispor daquela areia branca de fundo de rio e tê-la nas mãos para as brincadeiras. Lembro-me de no oitão da casa, junto com a meninada, engessar as pernas do menino amiguinho que ficara paralítico. Primeiro fora vítima da pólio, depois de desastrada queda da roda-gigante instalada no bairro. Ele se deitava no chão e todos nos empenhávamos em cobrir-lhe as pernas raquíticas com areia úmida, sempre na intenção de que ele se levantaria dali sarado, correndo que nem nós outros. Mas qual, éramos médicos medíocres, tudo o que conseguíamos era o sorriso inocente daquele companheirinho. Aquilo era caso que pedia milagre e muita reza. Foi ali que me veio nítida pela primeira vez a consciência do que era o destino. Por que ele e não eu? E havia outras diferenças, pernas e corpos de variadas peles, cabelos armados e lisos, tudo muito variado e sem explicação. E a flagrante diferença entre ser menina ou menino, o que acarretava muitas outras. Até o modo de tratar os inúmeros pombos que moravam em nosso quintal e nos arredores. Os garotos bancando os valentões e desafiando os bichos, enquanto nós meninas queríamos era alisar as penas ou que viessem comer bicando em nossas mãos.

Enfim, éramos uma miúda irmandade improvisada no convívio de tardes e manhãs, parceiros nos jogos e nas cantigas de roda. Dividíamos as alegrias e as pitombas dos cachos que trocávamos por moedas com os garotos pobres que nos

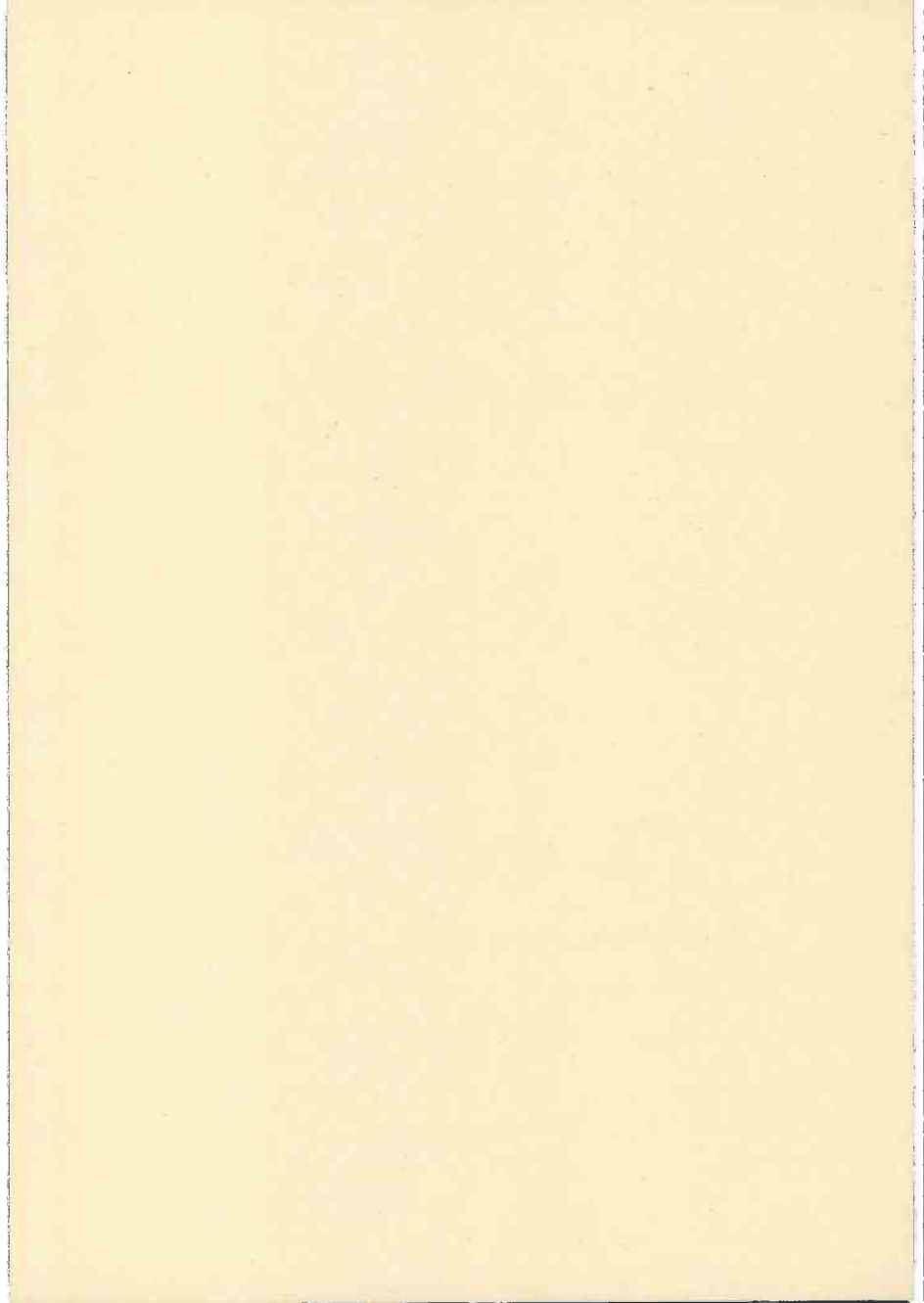
ofereciam à venda batendo às portas. Também nos mandávamos porta a fora em direção ao beco que fechava a rua, em busca das bagas de tamarindo caídas no chão. Ali foi quando aprendi a lição entre o permitido e o interdito, pois havia uma cerca isolando, reservando o pé de tamarindo para o dono do quintal. E o arame farpado ali estava para deter a cobiça de mãos e braços avançando em direção aos frutos agridoces. E eram tão poucos os disponíveis à nossa gula que as bocas ficavam salivando de desejo e babando de raiva com a sovinice.

Sim, àquela pequena rua de Madalena, chegavam os rumores musicais do carnaval. Havia vozes cantando à distância coisas que eu não distinguia, mas o ritmo do batuque atrapalhava meu sono, suspenso na expectativa curiosa do que podia acontecer. E certa manhã aconteceu e pude enfim ver o carnaval com olhos surpresos e deslumbrados. Estava à janela, vendo o vendedor de abacaxis com seu tabuleiro empilhado das frutas amarelas de espetadas coroas verdes, quando um bando de mascarados me tocaram com seus braços cheios de fitas e guizos. Tamanho foi meu susto que me recolhi e me escondi. Tive medo. Queriam eles me levar? Quem seriam eles atrás de máscaras pretas e chapéus coloridos? Havia uma dona bem gorda com imensas argolas e uma saia de muitos babados vermelhos. Um preto cuja boca se abria num sorriso de muitos dentes. E mais outros de que não me lembro. Fiquei de coração na boca, escondida, esperando que fossem embora. Até que, impaciente, resolvi voltar à janela e novamente eles apareceram e me puxaram o cabelo, gritando vem, vem brincar com a gente. Dessa vez saí correndo pra dentro da casa, gritando por mamãe, e me rendi ao medo, sonhando, sem conseguir, ser mais corajosa e me entregar à alegria da aventura.

Também em Madalena, veio-me a consciência de um mundo bem maior que o da casa, da rua, do Recife, que se espichava e crescia todas as vezes que eu ia à praia de Boa Viagem tomar banho de mar. Um dia, meu pai anunciou que teríamos um eclipse da lua àquela noite, um espetáculo muito bonito. Não seria alegre como os do circo ou do parque de diversões, onde costumava me levar para voar de aviãozinho ou

cavalgar os cavalos de madeira do carrossel. Mas seria grandioso, pois poderia ser apreciado em muitos lugares da terra. E mais, seria no palco do céu. Assim, quando foi ficando escuro, lembro-me bem, meus pais e toda a vizinhança, foram colocando cadeiras bem no meio da rua, como na platéia de um improvisado teatro. E lá ficamos, as crianças brincando enquanto os grandes conversavam. Todos esbranquiçados e pálidos pela luz do luar, mastigando mudubins e esperando o blecaute cósmico. Lembro-me da longa espera, do peso das pálpebras nos olhos, mas não do momento triunfal em que a lua se escondeu. Meus pais garantiram que tentaram me acordar, mas não conseguiram. Fiquei frustrada. A mãe me consolou dizendo que o melhor de qualquer festa era esperar por ela, e o pai falou que as coisas imaginadas eram mais bonitas que as reais, que o sonho era sempre o melhor espetáculo.

Nos dias de hoje, Madalena adquiriu para mim a condição de sonho que acalento e me consola de certas frustrações. Com a morte de meu pai, tive que abandoná-la de vez, tomando outro rumo, trocando de paisagem. Mas Madalena permanece em mim, um imutável local ameno. É o reduto onde ainda sou menina e onde meu pai continua vivo.



editora K^ô

Rio de Janeiro, abril 2014

300 exemplares

ilustrações e edição Mariana Félix



